

As 11 Ilhas do Espírito Santo: Culto e Manifestações Etnográficas e Multiculturais nos Açores e em Tomar e de África ao Brasil

Helena Anacleto-Matias

hanacleto@iscap.ipp.pt ; mhelenamatias@hotmail.com

1. Introdução

Com a preocupação de esclarecer o significado étnico-religioso do culto ligado ao Espírito Santo, este trabalho de carácter predominantemente informativo referirá os inícios do culto do Espírito Santo em Portugal, preocupar-se-á com a Festa dos Tabuleiros em Tomar, com os Impérios do Espírito Santo Açorianos, com equivalentes Cultos de Fertilidade Africanos nas eras Pré Cristãs e com o transporte africano desses cultos para o Brasil influenciados por Portugal.

O culto ao Espírito Santo, em Portugal, remonta ao século XIII, tendo tido, segundo reza a tradição popular e cristã, as suas origens no Milagre das Rosas. A criação de festividades para celebrar e agradecer ao Espírito Santo as dádivas de vida e proteção seguiram-se-lhe, dando origem a importantes Festas em várias cidades, nomeadamente na cidade dos Templários, a histórica e antiga Nabância, atualmente denominada Tomar, assim como em Santa Maria da Feira, por exemplo.

Este estudo pretende relatar como, e por que razão, apareceu a Festa dos Tabuleiros, em Tomar, muito célebre pelas oferendas ao Espírito Santo e pelo seu colorido inclusivamente de carácter profano-religioso. Ver-se-á até que ponto influenciou as festas do Espírito Santo nos Açores. A tão afamada Festa dos Impérios do Espírito Santo naquelas ilhas poderá ter sido levada até elas, diretamente do continente pelos migrantes continentais que se misturaram com os Flamengos e Francófonos no povoamento da Ilha de São Miguel.

O capítulo dos Cultos de Fertilidade Africanos de origem pagã são, a nosso ver, o equivalente nas eras Pré Cristãs ao culto do Espírito Santo. Tentar-se-á igualmente explicar e analisar se as tradições portuguesas continentais e dos ilhéus chegaram ao Brasil durante a cristianização das terras de Vera Cruz, misturando-se posteriormente com cultos Africanos.

De Portugal ao Brasil, indo pelas 9 ilhas dos Açores e, passando por Terras de África com seus os equivalentes cultos à fertilidade, tentar-se-á fazer uma ponte de ligação multicultural entre os diversos continentes no que toca às suas tradições e festividades tanto religiosas como pagãs.

Socorrendo-nos de conhecimentos da escola do Professor Mesquitela Lima, ideólogo da Antropologia Cultural Portuguesa e contando um pouco da História do Culto ao Espírito Santo, ilustrando a informação com estórias, (já que vivemos um ano nos Açores e já participámos na Festa dos Tabuleiro por duas vezes, da primeira vez na Comissão de Festas e, na segunda, transportando à cabeça o Tabuleiro do Espírito Santo), propomos um relato factual o qual tentará esclarecer e revelar as crenças que têm feito (sobre)viver o culto do Espírito Santo em diversas culturas de diversos povos, mas com uma língua comum – o Português.

2. Origens do Culto do Espírito Santo em Portugal

O culto do Espírito Santo remonta ao tempo da Rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis, Rei de Portugal que viveram no séc. XIII¹. Segundo reza a tradição, popular e cristã, nasceu devido ao milagre do pão que se transformou em rosas. Na realidade, conta-se que a rainha gostava de dar muitas esmolas, costumava juntar pessoas pobres à mesa do castelo e, até, em gesto de caridade humilde, punha sobre as suas cabeças a coroa do Rei. O Milagre das Rosas, segundo a lenda, viria na sequência das tendências da bondade da Rainha. Um dia, trazendo no regaço e presos nas vestes muitos pedaços de pão para dar aos pobres, foi admoestada pelo Rei D. Dinis, que acharia a caridade excessiva. Então, ao perguntar à esposa:

- Que trazeis aí, Senhora minha?

Ela ter-lhe-ia respondido, com medo de ser repreendida:

- São rosas, Senhor... Então soltou as vestes, deixando, realmente cair um braçado de rosas nas quais o pão se tinha transformado, chamando-se, assim o Milagre das Rosas transformado pelo Espírito Santo.

Segundo o Romanceiro e Cancioneiro Popular Português², o Romance da Rainha Santa Isabel conta a estória apresentada numa versão mais alargada, conforme se transcreve abaixo:

“Peço graça com fervor / Do divino Manuel, / Para que haja de rezar / Da Rainha Santa Isabel: / Em Saragoça nascida, / Segundo a oração diz, / oi rainha mui querida, / Mulher d’el-rei Dom Dinis; / Aos pobres socorria / Com entranhas do coração; / Pois de ninguém se fiava, / Sua esmola apresentava / Com a sua própria mão. / Vindo a “santa” um dia, / Com seu regaço ocupado, / Pelo tesouro que havia, / Com el-rei eis encontrada! / «Que levais aí, Senhora? / Levo cravos e mais rosas, / Para mais nossa alegria. / Bem sei que levais dinheiro, / Segundo sois costumada; / Antes que muito me cheira, / Rosas em Janeiro, / É de maravilha achá-las!» / A Senhora o seu regaço lhe amostrou, / Cravos e rosas achou, / Um cheiro que admirava. / «Ó rainha excelente! / Meu tesouro podeis dar, / Minha coroa empenhar / Porque tudo estou contente.» / Estando a “santa” um dia / Na sua sala sentada, / Chegou-lhe um pobre chagado, / Se o podia arremediar; / Ela lhe disse / Com palavras de amor: / «Mandarei chamar o doutor, / Que vos haja de curar. / Senhora, se queredes / Ter o vosso coração inflamado, / Deitai-me na vossa cama, / Que eu serei remediado.» / A Senhora / De pés e mãos o lavou, / Na sua cama o deitou. / Um cavaleiro, que no paço / Havia encontrado, / A el-rei tudo é contado. / Vindo el-rei muito agastado, / Com tenção de a matar, / Contra a clemência que usava; / Na cama onde repoisava / Deitar um pobre chagado. / A Senhora correu o cortinado, / Achou Jesus crucificado! / Muito chorou o rei com ele / Dos milagres, que ela tinha obrado. / Em Estremoz acabou / Em Coimbra está sepultada, / No convento que formou / De Santa Clara sagrada.”

A Rainha tornou-se Santa e o culto ao Espírito Santo começou a ser prática comum em Portugal. Hoje, a chamada “exposição do Senhor” periodicamente, com a exposição do Santo Paráclito, retirado com veneração do Sacrário, é uma prática dos rituais da Igreja Católica portuguesa.

3. Formas do Culto do Espírito Santo

3.1 Em Tomar

O culto do Espírito Santo reflete-se em festividades em diversas cidades do nosso país, nomeadamente na cidade dos Templários, ou seja, em Tomar, a terra dos Nabantinos. A festa ao Espírito Santo culmina com o cortejo da Festa dos Tabuleiros, a qual tem lugar de quatro em quatro anos, embora se tenha realizado de três em três anos num passado já longínquo do século XX.

A Festa dos Tabuleiros ou, também chamada, Festa do Divino Espírito Santo, encontra-se entre as mais antigas realizações culturais e religiosas portuguesas. As suas origens remontam às festas das colheitas que se realizavam nos tempos pagãos em honra da deusa Ceres. Com a cristianização e a criação da Congregação do Espírito Santo, cujas bases foram lançadas pela Rainha Santa Isabel – já atrás referida – adquiriram um cunho religioso. Nessa altura, os pobres e os ricos reuniam-se sem distinção no Domingo de Pentecostes e celebravam uma Festa de Ação de Graças. Nesta festa as oferendas mantiveram-se até ao século XVII, aumentando-se, mais tarde, devido à dimensão da festa, as mesmas, pois esta festividade tornou-se cada vez mais grandiosa. O cortejo da chegada dos Bois do Espírito Santo intitula-se o Cortejo do Mordomo e antecede o Cortejo dos Tabuleiros. Neste último, os tabuleiros são benzidos, tendo uma forma especial, os trajos das raparigas que os transportam à cabeça são peculiares e a distribuição da Pêza (que é constituída por pão e carne) mantém-se; recentemente, o aumento da Pêza trouxe igualmente a distribuição de vinho. Por curiosidade a gravata do rapaz acompanhante é da mesma cor que a faixa da mulher que se estende desde o ombro esquerdo até à volta da cintura.

Os tabuleiros que compõem a Festa são de número variável – normalmente entre 400 e 600, levados por moças provenientes das 16 freguesias do Concelho de Tomar e aqueles devem ser da altura das que os transportam. Os tabuleiros, pesando entre 15 e 20 quilos, são transportados à cabeça durante 5 quilómetros, com três paragens técnicas, sendo a mais demorada a intermédia, que tem lugar na Praça da República, onde se procede à bênção dos tabuleiros, constituindo o ponto alto da festa. Os tabuleiros são compostos por trinta pães inseridos em cinco ou seis canas que saem de um cesto de verga ou vime e culminam numa coroa encimada pela Pomba do Espírito Santo ou pelas Cruz de Cristo ou dos Templários.

A Festa dos Tabuleiros realiza-se tradicionalmente entre a última semana de junho e a primeira de julho, mas a sua preparação começa com um ano de antecedência, visto ser necessário o trabalho e empenho de muitas pessoas, não só na preparação da Festa em si, mas sobretudo na construção dos variadíssimos tabuleiros, os quais tendem sempre em ser diferentes uns dos outros. Existe um mais típico, em que as canas são em espiral, onde se espetam os pães do Espírito Santo e as flores de papel colorido, tradicionalmente papoilas vermelhas e espigas de trigo. A regra exige que o tabuleiro que se encontra numa fila do cortejo seja idêntico àquele que está na outra fila, isto é, que lhe seja paralelo.

Antes da Festa dos Tabuleiros começar, e apesar da realização da mesma ter sido decidida um ano antes, as cerimónias para a anunciar têm início seis meses antes, com a saída do Cortejo das Coroas e dos Pendões do Divino Espírito Santo. Como a festa é análoga a um acontecimento religioso, há sete saídas, sendo a primeira no Domingo de Páscoa, a segunda no Domingo de Pascoela e as seguintes de quinze em quinze dias até à semana anterior àquela do cortejo principal.

Há ainda o cortejo parcial, como ensaio geral, na véspera do Grande Dia da Festa dos Tabuleiros. Como nota a apontar, temos o facto de muitos pares saírem à rua meses antes para treinarem o transporte do tabuleiro à cabeça pois, hoje em dia, não há tradição de transportar volumes à cabeça e convém ter noção de que será possível andar com um tabuleiro durante cinco quilómetros; caso a moça não se aguarde, cabe ao rapaz auxiliá-la, por sua vez levando o tabuleiro ao ombro.

Além da Festa principal dos Tabuleiros protagonizada por adultos, existe o Cortejo dos Rapazes onde as crianças desempenham o papel principal, provenientes de escolas e jardins de infância de todo o concelho de Tomar, o qual é parecido com o Grande Cortejo, mas tudo em ponto pequeno e com mais graciosidade. Este cortejo em miniatura reapareceu em 1991 depois de não se realizar durante quase 100 anos.

Para abrilhantar a festa, num clima alegre e descontraído, que se quer durante todos os meses antecedentes à festa e no dia principal, cabe ao povo enfeitar as ruas em que moram com flores e arranjos em papel colorido, assim como as varandas e parapeitos de janelas das suas respectivas casas estendendo colchas coloridas. À passagem do cortejo, especialmente no Grande Dia, os moradores lançam pétalas de flores naturais e papelinhos.

Muito se tem escrito sobre esta Festividade em honra do Espírito Santo mas pensamos que esta frase é emblemática do imaginário daquela festa, proferida pelo Dr. Fernando Araújo Ferreira:

“O Tabuleiro é um hino de cor. Um poema nascido da arte popular tomarense. Das mãos e inspiração do seu povo. Obedecendo a regras tradicionais, é ele que o arma, é ele que o ornamenta. De gerações em gerações passou o jeito, a herança bonita. O Tabuleiro é uma oferta de pão, por isso o pão deve ficar à vista, a ornamentação pertence ao gosto de quem o decora, com flores de papel [colorido]...”³

Os bodos do Espírito Santo – refeição sagrada –, instituídos pela Rainha Santa Isabel à volta da mesa real, em Tomar, com a passagem dos anos começaram a ser designados por um único vocábulo, a Pêza, o último ato da procissão de cada Festa dos Tabuleiros. A distribuição acontece no dia a seguir ao domingo do Grande Cortejo dos Tabuleiros e, seguindo a tradição, numa forma de agradecimento a Deus, deve partilhar-se o pão, a carne e o vinho com os mais necessitados.

Existe também um outro tipo de festa semelhante, mas por motivos diferentes, a qual se identifica também com uma procissão em que um pão especial – a fogaça – é o ponto central da mesma e que tem lugar mais a norte de Portugal.

3.2. As Fogaceiras de Santa Maria da Feira

Embora a origem da Festa das Fogaceiras se tenha instituído em terras de Santa Maria devido à comemoração do santo que protegeu a população contra a peste – São Sebastião – e não devido ao culto do Espírito Santo, tem relação com o chamado “Bodo aos Pobres”. Hoje em dia, a

festa e procissão solene realizam-se na cidade de Santa Maria da Feira, no dia 20 de Janeiro, o que institui o dia de feriado municipal.

A celebração tem início com um cortejo cívico dos Paços do Concelho até à Igreja Matriz, no qual se integram autoridades civis e dezenas de crianças. Mulheres envergando o traje de Fogaceiras vão vestidas de branco com faixas coloridas à cintura e levam à cabeça uma Fogaça. Segundo o portal oficial da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, está a tentar-se fazer reviver o traje das fogaceiras:

«Reinventar o traje das Fogaceiras: o Centro de Recursos Educativos Municipal (CREM) desafiou os jardins-de-infância, escolas do 1º Ciclo e IPSS de todo o concelho de Santa Maria da Feira a reinventarem o traje das Fogaceiras. O resultado do trabalho realizado vai estar patente na exposição “Reinventar o Traje das Fogaceiras”, na Praça Gaspar Moreira, junto à Câmara Municipal, nos dias 19 e 20 de Janeiro [de 2010]».

A fogaça é um doce regional confeccionado com farinha de trigo, redonda com quatro bicos, como inspiração nas 4 torres do Castelo de Santa Maria da Feira. Estas fogaças vão enfeitadas com bandeiras coloridas, havendo três crianças que transportam fogaças de tamanho grande e que são oferecidas às autoridades religiosas, políticas e militares. Há outra criança que transporta um tabuleiro com as velas do voto e ainda outra criança transporta uma miniatura do Castelo da Feira, em madeira. Durante a tarde organiza-se a procissão religiosa que parte do centro da cidade com os andores de S. Sebastião e de Nossa Senhora.

Nos tempos mais antigos, no fim da procissão, as crianças mais desfavorecidas partiam às fatias a sua fogaça já benzida e distribuía-nas por entre a população que assistia.⁴

Partindo do sul, centro e norte de Portugal continental, a população, ao ser encorajada a povoar outras paragens do país, levaram consigo estes cultos até às Ilhas dos Açores.

4. Culto do Espírito Santo nos Açores

Segundo os professores responsáveis pelo projeto “Content – Arquitetura” da Escola Básica Integrada de Angra do Heroísmo, Nuno Azevedo e Amílcar Cabral, foram os primeiros povoadores dos Açores que levaram consigo para as Nove Ilhas o sentir do Culto ao Espírito Santo, criando as instituições religiosas chamadas “Irmandades do Espírito Santo”⁵.

Todos os anos, a partir do Domingo de Páscoa, e até à primeira semana de outubro, celebra-se o Milagre das Rosas, aliás já referido no segundo ponto deste trabalho, havendo a cerimónia da distribuição do pão e da carne, tanto aos mais desfavorecidos como aos irmãos do “Império”,

estendendo-se muitas vezes a todos quantos assistem à festa, como foi o caso em que tivemos oportunidade comprovar em visita a Lagoa, São Miguel, no ano de 2006.

Cabe agora explicar o significado de “Império”. Este é um pequeno templo em honra ao Divino Espírito Santo. No seu interior existe um altar onde está assente a Coroa do Espírito Santo, em forma piramidal e forrado a flores de papel branco, também levando velas e outra decoração com flores naturais.

Nos inícios do séc. XVIII, havia os chamados “Triatos” em honra da Tríade “Pai, Filho e Espírito Santo”, e que eram construídos em madeira. Hoje em dia existem os “Impérios do Espírito Santo”, os quais são construídos em pedra ou em bloco. Para se compreender a dimensão deste culto do Espírito Santo, só na Terceira existem cerca de cinquenta Impérios disseminados por toda a Ilha. Normalmente, os Impérios têm um anexo onde se situa a despensa para guardar o pão, a carne e o vinho, e todos os utensílios e materiais envolvidos nas Festas do Espírito Santo, de maio a outubro.

Quanto ao Imperador, é ele que é responsável pela “Função”, cujos elementos são sopa, cozido à portuguesa – moda açoriana, pão de leite, massa sovada, arroz doce e vinho de cheiro. Todos estes pratos são típicos das ilhas.⁶ Este Imperador tem um papel similar àquele que o Mordomo da Festa dos Tabuleiros de Tomar desempenha.

A existência de Irmandades do Divino Espírito Santo já era generalizada no séc. XVI. O primeiro hospital, que foi criado no arquipélago em 1498, a cargo da Santa Casa da Misericórdia de Angra de Heroísmo, recebeu o nome de Hospital do Santo Espírito e manteve-o até aos dias de hoje.

A partir daí, e sobretudo depois do começo do séc. XVIII, o culto ao Divino Espírito Santo implantou-se de uma forma desmedida. Com a imigração açoriana o culto foi levado para o Brasil, onde já no séc. XVIII existia no Rio de Janeiro, na Baía e nas zonas de colonização açoriana de Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e em Pernambuco. No séc. XIX, com a continuação da diáspora açoriana, o Culto do Espírito Santo começou a ocorrer também na Costa Leste dos Estados Unidos da América, no estado do Massachussets e na costa Oeste, na Califórnia, bem como no Hawaii, entre as comunidades portuguesas. O mesmo se passa no Canadá junto das comunidades lusas de imigrantes.

5. Migrações do Culto ao Espírito Santo

5.1. A versão africana ou pré-cristã

Não é uma especulação desprovida de sentido que podemos afirmar que o Culto ao Espírito Santo nas sociedades cristãs portuguesas tem a ver com a abundância e a celebração da vida. É neste contexto que gostaríamos de referenciar, ainda que brevemente, a variante primitiva dos cultos à fertilidade.

As sociedades africanas já se regeram pelo Mito da Abundância devido às situações de carência e esse imaginário está ligado aos mitos da potência masculina e da fertilidade feminina. Daí as tão faladas mezinhas tradicionais para aumentarem aos dois os efeitos afrodisíacos de caráter, de certa forma, medicinal.

À celebração das colheitas abundantes e da fertilidade da terra, aliaram-se os cultos das famílias grandes nos povoamentos das aldeias tradicionais, como tentativa de continuação da espécie humana, já que a esperança de vida era limitada devido à carência e às doenças.

Os rituais de iniciação sexual masculinos podiam variar desde uma viagem de caça por parte dos mancebos para ensaiarem sustentar uma futura família até às pinturas iniciáticas que celebravam a beleza das jovens adolescentes na sua iniciação feminina. A intenção era, invariavelmente, a celebração da emancipação sexual dos jovens na passagem para a idade adulta.

Das eras pré-históricas foram encontradas nos países africanos do antigo Crescente Fértil estátuas de formas femininas exageradas, que foram interpretadas como sendo as deusas protetoras da fertilidade; com seios, ancas, barriga e coxas de tamanho exagerado, estas deusas protegiam a abundância das colheitas das pragas, protegiam os rebanhos das doenças e aumentavam as famílias e as aldeias com muitas crianças.

5.2. A exportação para o Brasil

Foi na época da colonização europeia do Brasil que, com os senhores brancos, começaram a afluir também os escravos negros transportados à força nos navios negreiros de África para o Brasil. Foi aí que os rituais locais Ameríndios, os rituais Africanos levados pelos escravos e os rituais cristãos “transportados” pelos colonos brancos se misturaram, formando uma manta de retalhos rica em formas de celebrações multiculturais de caráter étnico-religioso. A cultura do Candomblé implantou-se desde esses tempos, como uma forma de resistência da comunidade de escravos perante os seus senhores. “Candomblé é uma palavra derivada da língua bantu: ca [ka]=uso, costume, ndomb=negro, preto e lé=lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque. A reunião

dos três vocábulos resulta em "lugar de costume dos negros", por extensão, lugar de tradições negras, tradições entre as quais, se destacam, no sentido atual, as práticas religiosas que incluem a música percussiva (...) Outra interpretação informa que kandombele significa "adorar".⁷

No artigo "O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso", Reginaldo Prandi afirmou: «Chamada de "a religião brasileira" por excelência, a umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço.»⁸

De facto, na costa brasileira deparamo-nos com o culto ao Divino Espírito Santo que é celebrado desde o Maranhão ao Rio Grande do Sul, assim como no interior de São Paulo, Goiás, entre outros lugares. Essas celebrações têm a bandeira, a coroa, foliões, novenas em latim e coleta de donativos.

Igualmente, podemos encontrar aquele tipo de culto no Estado de Santa Catarina, onde esta comunicação será apresentada em abril de 2010, levado pelos primeiros açorianos que ocuparam aquela zona do sul do Brasil. Diferentemente do culto açoriano e do bodo da Festa dos Tabuleiros em Tomar, no Brasil não existem os "bodos", pois perderam-se quando foi proclamada a República que deixou de manter a igreja.

Segundo Joi Cletison, no Estado de Santa Catarina as Irmandades do Divino Espírito Santo já não têm quase expressão e força na organização destas Festas, à exceção de "apenas três Irmandades", a saber: Irmandade do Divino Espírito Santo, responsável pela Festa da Capela do Divino Espírito Santo de Florianópolis, a Irmandade do Divino Espírito Santo de Santo Antônio de Lisboa, a qual está encarregada das Festas da Paróquia da Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa e, finalmente, a Irmandade do Divino Espírito Santo da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha. De salientar que até há bem pouco tempo, tanto nos Açores como no Brasil, ao contrário de Tomar, estava vedado o acesso às mulheres nas Irmandades do Espírito Santo.

Sem exceção, nas festas do Divino Espírito Santo existem as "Folias do Divino" ou as "Cantorias do Divino" que não podem entrar nas igrejas açorianas, mas que em Santa Catarina entram e autorizam o padre a começar a missa.

Ainda segundo Joi Cletison, "Em Portugal Continental no século XVII, a Igreja... divulga a primeira proibição aos foliões nos cultos do Divino. Muitas outras proibições surgiram, o que levou, praticamente, à extinção do Culto do Divino Espírito Santo na parte continental de Portugal"⁹, porque na era da terceira pessoa da Santíssima Trindade, interessariam mais os monges do que os sacerdotes.

Fazendo um paralelo às várias festividades ao Divino Espírito Santo, em Tomar não há saída de andores com imagens religiosas durante a Grande Festa dos Tabuleiros, nem durante a saída das coroas, vendo-se apenas essas representações nos pendões; já nos Açores e em Santa Catarina, no Brasil, há coroas, bandeiras, e imagens de santos durante todo o cortejo das festas. Em todas elas há a presença da pomba, representativa do Divino Espírito Santo, da coroa de prata e dos pendões.

6. Conclusão

Podemos concluir que a celebração e a veneração do Espírito Santo partiu de Tomar para os Açores e as religiões africanas com o culto da fertilidade foram levadas conjuntamente para o Brasil, formando, assim, as 11 Ilhas do Espírito Santo (uma ilha Tomarense, nove Açorianas e uma Brasileira), sem esquecer a influência africana.

Apesar de o colonialismo ter tido, sobretudo, o papel de, na maioria das vezes, subjugar seres humanos considerados de raça inferior, pelas vontades daqueles que se julgavam mais influentes e de raça superior, e também estes quererem impor o cristianismo como a única forma de salvação do ser humano *pos mortem*, o certo é que o efeito da mistura de crenças, usos e costumes culminou numa maior riqueza e maior valorização da história de cada povo e o aparecimento de novas festividades e de novas formas de ver o mundo e entender o próximo só veio enriquecer o quotidiano de cada um.

O certo é que há um lado profano nas celebrações religiosas que coexistem no tempo e no espaço durante as festas e podemos afirmar que ambos foram evoluindo ao longo dos séculos e consoante as paragens para onde eram levados, adaptando e tentando respeitar as formas locais de viver os vários tipos de acontecimento cultural e/ou religioso.

A aculturação resulta, precisamente, da fusão de vários costumes no mesmo espaço num dado tempo, tendo a influência de culturas alheias àquela em que nos encontrarmos. A verdade é que muitos destes acontecimentos acabaram por trazer vida a muitos locais de pouca afluência, acordando a indústria do turismo, despertando curiosidade em crentes e não crentes, forasteiros e locais, para participarem ativamente nestas celebrações ou apenas como meros espetadores.

Assim, pensamos que a riqueza da civilização humana está na influência e na fusão de vários estilos de vida e cultura, assim como na miscigenação de várias etnias com diferentes mundividências.

Notas:

- ¹ in <http://comissao2009-isc.blogspot.com/>,
- ² in <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/lendas/Lendas%20de%20Coimbra.htm>,
- ³ in <http://www.tabuleiros.org/site/historial.htm>,
- ⁴ in <http://sweet.ua.pt/~isca5673/morada.htm>,
- ⁵ in <http://comissao2009-isc.blogspot.com/2008/11/o-culto-do-esprito-santo.html>
- ⁶ in <http://comissao2009-isc.blogspot.com/2008/11/o-culto-do-esprito-santo.html>
- ⁷ in <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/candomble/candomble-1.php>
- ⁸ in <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a15v1852.pdf>
- ⁹ in http://www.nea.ufsc.br/artigos_joi.php

=====

Bibliografia (ordem alfabética):

Calvet, Nuno e Júlio Gil, As Mais Belas Cidades de Portugal – Coleção Património, ed. Editorial Verbo, vol. II, 1995;
Graça, Luís Maria Pedrosa dos Santos, Tomar – Roteiro Sentimental, ed. Inapa, 1999;
Guimarães, Manuel, Tradição e Festa dos Tabuleiros em Tomar, ed. Elo – Sociedade e Artes Gráficas, 1994;
Roalf, Michael, Cultural Atlas of Mesopotamia and Aient Near East, ed. Time-Life, 1995;
Sousa, J. M., Notícia Descritiva e historica da cidade de Thomar, ed. Typografia Silva Magalhães, 1903, reedição de
Fábricas Mendes Godinho, Sa. e impressão na Litografia Antunes – Rio Maior, 1991;

Africa's Glorious Legacy – Lost Civilizations, ed. Time Life Books, 1994;
Enciclopédia Geográfica, Selecções do Reader's Digest, 1988;
Mesopotamia: The Mighty Kings – Lost Civilizations, ed. Time Life Books, 1995;
Sumer: Cities of Eden – Lost Civilizations, ed. Time Life Books, 1993.

Webgrafia (ordem de consulta e alfabética):

<http://comissao2009-isc.blogspot.com/>, consultado a 13/12/2009;
<http://comissao2009-isc.blogspot.com/2008/11/o-culto-do-esprito-santo.html>, consultado a 13/12/2009;
<http://sweet.ua.pt/~isca5673/morada.htm>, consultado a 13/12/2009;
http://www.nea.ufsc.br/artigos_joi.php, consultado a 13/12/2009;
<http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/lendas/Lendas%20de%20Coimbra.htm>, consultado a 15 /01/2010;
<http://tomar.com.sapo.pt/festa.html>, consultado a 16/01/2010;
http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://www.mensageirosantoantonio.com/messaggero/upload/foto/56.jpg&imgrefurl=http://www.mensageirosantoantonio.com/messaggero/pagina_articulo.asp%3FIDX%3D51IDRX%3D11&h=332&w=250&sz=34&tbnid=hbLy1wBvKbZfvM:&tbnh=119&tbnw=90&prev=/images%3Fq%3Drainha%2Bsanta%2Bisabel%2Bfotos&hl=pt-PT&usq=__tElygmAkmg24eIftqWFLuX2-qac=&ei=0tJRS6rlMoGJ_AaM47GhCg&sa=X&oi=image_result&resnum=8&ct=image&ved=0CBUQ9QEwBw, consultado a 16/01/2010;
<http://www.tabuleiros.org/index.htm> e <http://www.tabuleiros.org/site/historial.htm>, consultados a 16/01/2010;
<http://www.tabuleiros.org/site/cartazes.htm>, consultado a 16/01/2010;
<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/candomble/candomble-1.php>, consultado a 27/01/2010;
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a15v1852.pdf>, consultado a 27/01/2010;